

HUMANISMO E CULTURA

Tiago Adão Lara*

Em *Filosofia e filosofia da educação*, artigo publicado no número 3 desta revista, defendíamos a oportunidade de se usar a categoria humanismo como especificadora da reflexão filosófica sobre a educação.

Continuamos, com o presente artigo, a explicitar o nosso pensamento. Ele está também dando seqüência à reflexão por nós iniciada sobre cultura, nos números 5 e 6, de julho de 1988 a junho de 1989.

1. HUMANISMO

O termo *humanismo*, usado pelos latinos no sentido de educação do homem, de acordo com a verdadeira forma humana (Jaeger, W. 1979, p. 13) passou a uso freqüente, a partir do século XIX, para indicar o movimento de valorização das literaturas grega e latina iniciado em fins do século XIV, na Itália e, depois, espalhado pela Europa.

Por sua vez, *humanistas* - estudiosos das literaturas clássicas, em oposição a teólogos, filósofos ou juristas medievais - já no século XV eram chamados os que se esforçavam por compreender o ser humano, não mais no seu relacionamento com o transcendente (Deus criador), mas, antes, na sua inserção no meio que lhe é próprio: o da natureza e o da história (Mora, J. Ferrater 1981, p. 1566). O termo continuou a sua aventura semântica, passando a significar qualquer doutrina ou movimento que enfatiza o valor do humano. Revestiu-se, aos poucos, de conotação polêmica, frente às tentativas de reduzir o humano às dimensões da natureza, apreensíveis pelas ciências. Nesse sentido, estudos humanísticos se diferenciam e, às vezes, se contrapõem a estudos científi-

* Professor do Dep. de Filosofia da UFU.

cos; e humanismo se opõe a cientificismo, positismo e tecnicismo (Jolivet, R. 1975, p. 112).

Para aqueles que vêem, nas ciências, a única resposta válida a toda a problemática que o homem pode levantar sobre o significado da sua existência, a categoria humanismo passou a ter conotação pejorativa. Veicularia sonhos e ideais infundados, portanto, enganadores, devendo ser proscrita.

Propondo o termo humanismo como capaz de expressar a categoria central da filosofia da educação, nós o revalorizamos e o tomamos na sua acepção primeira.

1.1 - O termo humanismo é de fato usado, muitas vezes, como indicativo do perfil ou do tipo de ser humano que as culturas, em concreto, produzem e alimentam; mais ainda, que as culturas propõem como meta a ser atingida; como valor, em função do qual elas subsistem.

Os povos, explícita ou implicitamente, formulam juízo sobre a própria experiência de vida: elaboram seus elementos positivos, conjuram os negativos e articulam uma proposta de ser-homem; proposta pedagógica, em relação às novas gerações. É o que, muitas vezes, se indica com o termo humanismo.

O humanismo de um povo ou de uma época traduz, assim, a percepção do que seja ser-homem, como valor, para esse povo ou para essa época; traduz certa unidade de experiência e de propósito de vida, a qual, no entanto, se diversifica segundo se trate do homem ou da mulher, da criança ou do adulto, do livre ou do escravo, do enricado ou do empobrecido. Essas diferenças expressam a tensão existente nos grupos humanos. Ser-homem é, pois, proposta, projeto e realização, que emergem de determinada configuração social, e para ela; traz as marcas das suas contradições, dos seus consensos e das suas subjugações.

O grupo, por sua vez, vive inserido num meio ambiente, com o qual tem de relacionar-se; vezes múltiplas, de

maneira até tensa ou contraditória. O humanismo de um povo carrega-se inevitavelmente, das conseqüências desse relacionamento.

Denso de todas essas dimensões, o termo humanismo torna-se conceitualmente apto para orientar a reflexão filosófica sobre a educação.

A filosofia da educação visa, justamente, esse fazer-se do humano, elevado a tema do pensar crítico, em vista de um agir mais esclarecido e decidido. O fazer-se do humano acontece no ventre de processos culturais. Aí, ele é percebido como valor e como meta.

Não se trata, pois, de elaborar conceito abstrato e idealizado, arrancado de fantasias quentes e impulsos incontrolados. Trata-se, pelo contrário, de estar atento às experiências histórico-culturais dos grupos humanos, captando-lhes as conquistas mais sólidas, naquilo que mais lhes interessa: a compreensão e a degustação da própria existência, a par de certo controle sobre a mesma, pois, para os grupos humanos, não basta ser ou existir, é preciso existir significativamente. Na medida em que atingem isso, propõem-no, como experiência repetível, para as gerações futuras; e trabalham para assegurar sua transmissão. Há graus, nessa tomada de consciência, a partir de um limite que é quase pura espontaneidade pedagógica, semelhante à dos animais, até graus elaborados de consciência.

A filosofia da educação deve prefixar-se como meta o esforço de compreensão crítica dessas experiências de gestação do humano, traduzidas nos humanismos históricos concretos. Cabe-lhe também traçar, com base nas conquistas da humanidade, obtidas através de erros e acertos, horizontes alargados para o razoável e o desejável no futuro.

1.2 - Como desincumbir-se dessa tarefa?

Parece-nos que Hegel apontou-nos caminho fecundo, em *A fenomenologia do espírito*. Aí, falando da realidade

como um todo, Hegel aconselha-nos a deixar-nos levar pelo movimento mesmo que manifesta, para nós, o constituir-se dela; aconselha-nos a refazer suas articulações, recapitular, teoricamente, a totalidade das suas manifestações (fenômenos).

Aplicamos esse método ao fenômeno humano. Ninguém nos obriga a aderir ao pressuposto idealista de Hegel.

É no mundo da cultura que o ser humano se manifesta. É, aí pois, que temos de procurá-lo.

A primeira tarefa da filosofia da educação vai consistir, então, no *esforço de ver* o humano se manifestando no mundo da cultura. Um ver em profundidade (radicalidade), que ultrapasse o óbvio do imediato e atinja níveis e implicações mais remotas; implicações que ligam o ser humano a totalizações mais englobantes, portanto, a espaços de inteligibilidade mais ricos. Numa instância posterior, a filosofia da educação *faz-se crítica*. Avalia as várias manifestações culturais, para dimensionar suas contribuições e limitações, precisar perspectivas e emperramentos, com a finalidade, numa terceira instância, de *apontar caminhos*, que se revelem racionalmente fecundos (razoáveis).

O critério que comanda o juízo de valor, numa reflexão dialética, não decorre de tribunais superiores à história e à cultura, pois elas são a instância manifestadora do humano. Se há transcendências é na história e pela história, na cultura e pela cultura, que elas se manifestam e é aí que devem ser surpreendidas. A forma do humano transparece no acontecer do homem e vai-se impondo como critério de avaliação. Nesse sentido, racionalidade e práxis social se implicam mutuamente e, mutuamente, se determinam.

Segue-se do que foi dito a necessidade de evidenciarmos os elementos que integram qualquer processo cultural, suas articulações fundamentais e o sentido do seu dinamismo.

2. CULTURA

Não há concordância entre os estudiosos, sobre como conceituar ou definir cultura. Ferrater Mora escreve que "a idéia de cultura como um cultivo de capacidades humanas e como o resultado do exercício dessas capacidades, segundo certas normas é muito anterior a toda idéia formal de uma filosofia da cultura, e às investigações sobre a estrutura da cultura, dentro do sistema da sociedade". (Mora, José Ferrater, 1981, p. 698-699). Nós pensamos elucidativo partir justamente dessa idéia de cultura, ligada ao cultivo das capacidades humanas, e desdobrar, pouco a pouco, as suas implicações. Fazendo-o, revelar-se-á para nós o mundo do manifestar-se do ser humano e a forma que ele persegue (humanismo).

Cultura, etimologicamente, prende-se ao verbo cultivar. É fruto do cultivo. Na raiz, pois, do conceito de cultura está a dimensão antropológica da realidade que ele quer expressar, pois somente o homem cultiva e, conseqüentemente, produz cultura.

2.1 - Para as gerações afeitas à vida da roça, o primeiro exemplo que poderíamos apresentar de cultura é aquele que se chama *agricultura*, cultura do campo. Temos a terra, sobre a qual o homem faz cair a semente, que a própria terra lhe forneceu. Mas não basta. É preciso que, sobre a terra, caia também o suor do rosto humano. Melhor dizendo, é preciso o trabalho do homem. A cultura do milho, da soja ou do café é resultado da conjugação destes dois elementos: a força ou as virtualidades da terra e a força do trabalho do homem.

Para as gerações habituadas à vida da cidade, o exemplo mais eloqüente é aquele do produto industrializado, resultado do trabalho do homem sobre qualquer elemento da natureza. Aqui, melhor do que no caso da agricultura, vem à tona a dimensão antropológica do processo, pois torna-se mais evidente a contribuição do traba-

lho para o constituir intrínseco do resultado final. Esse é fruto de uma transformação (mudança de forma), é fruto da arte, é artificial; algo feito, digamos assim, pelas artimanhas do homem, frente à natureza, da qual arranca formas que ela não dá espontaneamente. A natureza não produz mesas, cadeiras, microscópios, naves espaciais, computadores, etc. É a varinha mágica da fantasia, da inteligência e da determinação do homem a responsável por essas maravilhas.

Não existe, em português, palavra análoga a agricultura, para expressar o processo de trabalho do homem sobre a natureza, ampliado para além do simples tamanho da terra. Se fôssemos observar a estrutura latina do vocábulo *agricultura*, deveríamos forjar para o segundo caso, o vocábulo *naturaecultura* (cultivo da natureza).

2.2 - Originariamente, porém, para os latinos, cultura se referia ao cultivo das qualidades especificamente humanas. Significava o que os gregos chamavam *paideia* e aquilo que os mesmos latinos, às vezes, denominavam *cultura animi* ou *cultura spiriti*, ambas expressões significando o aprimoramento do ser humano, justamente enquanto humano.

A revelação do ser humano não se dá só e principalmente nas obras materiais, que brotam da sua capacidade de transformar a terra e a natureza, em geral. Ela se evidencia muito mais no âmbito da convivência social, verdadeira teia de criações humanas. Grande parte das produções culturais de um grupo humano constitui aquilo que poderíamos chamar o mundo das suas *instituições*. Elas representam o fruto do cultivo que o ser humano faz do relacionamento entre os membros de um grupo e também do relacionamento entre grupos variados. A vida familiar, o sistema de transmissão de técnicas e valores (educação), a organização do governo, a maneira de trabalhar, de morar, de comer e divertir, enfim, tudo aquilo que constitui as normas e tradições do conviver são produções culturais de determinado grupo humano.

2.3 - Mas o ser humano, à diferença dos animais, produz idéias ou teorias a respeito do mundo, de si mesmo, da sua convivência, do fluir de sua existência. Idéias e teorias que incidem, depois, sobre seu comportamento, aperfeiçoando-o, modificando-o, dinamizando-o e, portanto, aumentando sua capacidade diante dos desafios iniciais. É um outro setor de produções culturais, tão rico e tão significativo que, muitas vezes, ao pronunciarmos o termo cultura, imediatamente pensamos neles. Cultura, então, se identifica com produções intelectuais, com idéias, teorias, conhecimento, ciência.

2.4 - Finalmente, outra dimensão da produção cultural releva recordar, aqui. Aquela que expressa o questionamento que o ser humano faz a respeito do significado da sua existência. O homem é o único animal que não se contenta em viver. Cria sentidos existenciais, tem carências axiológicas, precisa de valores, que ele expressa, de mil e uma maneiras, nos seus mitos, nas suas religiões, nas suas produções artísticas e ideológicas.

2.5 - Entendida na amplitude desse leque de perspectivas que acabamos de abrir, a cultura de um determinado povo constitui a unidade ou sistema de bens por ele produzido (sentido objetivo de cultura). Ao mesmo tempo, porém, a cultura de um povo é a matriz e a nutriz dele. O povo é, mantém-se coeso e dinâmico, individualiza-se como determinado grupo, justamente porque sua cultura o faz acontecer, possibilita-lhe ver, delinea-o historicamente. Nesse sentido, o ser humano é um ser cultural, não somente porque produz cultura - algo de novo, diante das formas da natureza - mas porque ele é produto de determinada cultura, traz determinada maneira de ser, determinadas qualidades (cultura em sentido subjetivo). Ele não é apenas fruto de um processo natural.

2.6 - O mundo da cultura caracteriza-se, pois, enquanto mundo da totalidade das produções e das qualidades humanas, distinto do mundo natural.

Freqüentes vezes, no entanto, ao nos referirmos ao mundo humano, costumamos distinguir três dimensões diversas: a sócio-econômica, a sócio-política e a sócio-cultural. Nesse caso, cultura é tomada em sentido menos amplo, mas mesmo assim tem de ser entendida enquanto em profunda ligação dialética com as outras duas dimensões.

De qualquer maneira, portanto, no mundo cultural manifesta-se violenta a luta de interesses, com tudo o que ela implica de dominação e de expropriação. Por isso é que se torna difícil retrair todos os caminhos da produção cultural de um povo. Muitos deles ficaram para sempre obstruídos, enquanto memória negada ou recalçada, enquanto memória distorcida ou mesmo completamente deturpada, por aqueles que têm a força para se impor. A história cultural de um povo, na maioria dos casos, fica sendo a história das dimensões hegemônicas dessa cultura.

No entanto, ela só pode ser pensada como unidade ou sistema complexo, contraditório e dinâmico. Não existe como homogeneidade estática, pronta e acabada. Faz-se e refaz-se continuamente. Não existe sem tensões. Resulta da composição de forças contraditórias em equilíbrio mais ou menos precário.

2.7 - A cultura é também uma certa unidade axiológica. Não é simples soma de valores, mas sim um sistema que, em última análise, está em função da formação do ser humano. As culturas produzem e veiculam projetos de vida humana, propostas experimentadas como válidas e como tal transmitidas. As culturas geram, pois, humanismos. Neles, enquanto formulações teóricas e enquanto realizações históricas concretas, descobrimos a imagem que os povos fazem do que seja ser pessoa, do tipo de sociedade que convém ao ser humano, do sentido que se propõe para a sua existência. Essas propostas humanísticas carregam as contradições de que é resultado determinada cultura hegemônica, dando-nos condições de retrair algo sobre as opções minoritárias que sempre estiveram

presentes, mas não conseguiram se impor como predominantes.

BIBLIOGRAFIA

MALINOWSKI, B. *Uma Teoria Científica da Cultura*. Trad. José Auto. Rio de Janeiro, Zahar, 1962.

BURCKHARDT, J. *A Civilização da Renascença Italiana*. Porto, Presença, s/d.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica: Ensaio Sobre o Homem: Introdução a Uma Filosofia da Cultura Humana*. 2.ed. Trad. Vicente Felix Queiroz. São Paulo, Mestre Jou, 1977.

_____. *Las Ciencias de La Cultura*. Trad. N. Rores. México. Fondo de Cultura Económica, 1951 (Col. Breviarios).

CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. São Paulo, Convívio, 1975.

_____. O Fenômeno da Cultura, em *Convívium*, ano X, vol.14, p. 255-279.

DRESDEN, S. *O Humanismo no Renascimento*. Porto, Presença/Inova, 1968.

ETCHEVERRY, Auguste S.J. *O Conflito Actual dos Humanismos*. Trad. M. Pinto dos Santos. Porto, Tavares Martins, 1975.

GADAMER, H.G. e VOGLER, P. *Nova Antropologia: Antropologia Filosófica: O Homem em sua Existência Biológica, Social e Cultural I e II*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1977, vols. 6 e 7.

- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Trad. Luís Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder. 2ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- GONZALEZ, L.M. Ruiz. *O Cristianismo não é um Humanismo*. Lisboa, Herder, 1967.
- JAEGER, Werner. *Paideia: A Formação do Homem Grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- JOLIVET, Régis. *Vocabulário de Filosofia*. Trad. Gerardo Dantas Barreto. Rio de Janeiro, Agir, 1975.
- MARITAIN, Jacques. *Humanismo Integral: Uma Visão Nova da Ordem Cristã*. 5 ed. Trad. Afrânio Coutinho. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.
- MONDOLFO, Rodolfo. *O Homem na Cultura Antiga*. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo, Mestre Jou, 1968.
- MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. 3 ed. Madrid, Alianza Editorial, 1981.
- NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e Anti-Humanismos*. 8 ed. Petrópolis, Vozes, 1974.
- ROBERT, Fernand. *L'humanisme: Essai de Définition*. 2 ed. Paris, Les Belles Lettres, 1974.
- STRAUSS, Lévi. *Antropologia Estrutural*. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.